

Museu Republicano  
Coleção Francisco de Sá  
Convenção de 1907



Real Academia de Amadores de Musica

HOMENAGEM <sup>M. R</sup>  
~~698~~

A 728

43

MEMORIA

DE 6-4

Carlos Gomes

À Sua Ex.<sup>a</sup> e Cia. S. Irmão  
D. Prudente José de Moraes  
Barros. Presidente da Repu-  
blica do Estado Unido do  
Brasil, com a mais alta  
consideração e profunda  
respeito

offereço

a Direcção.

O Secretario  
Domingos Gaia

Plat. 4  
5-24 v

L-43



—  
HOMERAGEM  
—





# HOMENAGEM

À

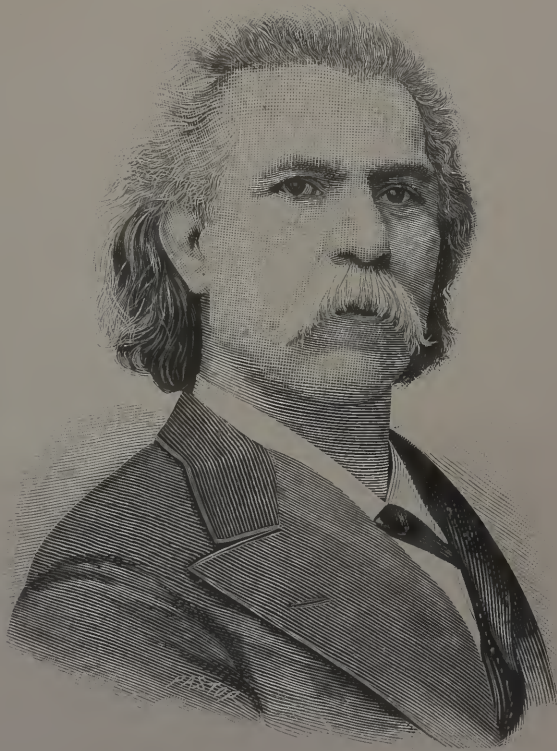
MEMORIA

DE  
003357

*Carlos Gomes*







*Carlos Gomes*









ANTONIO CARLOS GOMES nasceu na cidade de Campinas, provincia de S. Paulo, a 13 de julho de 1839. \*

Seu pae, Manuel José Gomes, oriundo de familia portugueza, era um musico estimado e laborioso, mestre, desde 1814, da banda de musica que havia n'aquella cidade, e director das mais importantes festividades religiosas que se realisavam em Campinas e seus arredores. Casado quatro vezes, teve numerosa prole, chegando a juntar 26 filhos em roda de si. Antonio Carlos era filho da terceira esposa, D. Fabiana Jaugary Gomes.

Desde a idade mais tenra que revelou extraordinaria vocação para a musica, e, ensinado por seu pae, cantava nas festas de igreja com uma bellissima voz de soprano que conservou até aos dezeseis annos. Nas salas tambem era reclamado com empenho para se fazer ouvir nas modinhas e arias brasileiras, que elle dizia com uma graça encantadora. Ao mesmo tempo apprendia a tocar os instrumentos mais importantes da orchestra e da banda, com especialidade o violino e o clarinette; estudou tambem o piano, em que se tornou habil.

Aos vinte annos já Antonio Carlos substituia seu pae na direcção das festas e ensinamento da banda, compondo tambem a musica necessaria, entre ella duas missas.

---

\* As noticias biographicas até agora publicadas divergem n'este ponto, marcando umas a data de 11 de junho, outras 11 de julho e outras, enfim, 14 de junho; o jornal do Rio de Janeiro «O Paiz» em o numero de 17 de setembro de 1896, diz que a data geralmente adoptada, 11 de junho, carecia de rectificação por ter havido troca na certidão de baptismo, em consequencia de existir um irmão do insigne compositor que recebeu, como elle, o nome baptismal de Antonio. Dei preferencia á data de 14 de julho por ter sido a que mais recentemente encontrei n'um jornal do Rio. Até este momento, porém, não me consta que esteja fixada authenticamente a data verdadeira.

Tão notáveis eram as manifestações do precoce artista, que toda a gente instigava o pae a que o enviasse para o Rio de Janeiro afim de seguir com maior brilho a carreira para a qual era tão evidente a vocação. O velho musico tinha porém necessidade de conservar junto a si este filho que lhe valia já de poderoso arrimo.

Quando porém uma natureza excepcional se manifesta, é inutil luctar contra a sua expansão. O genio comprimido adquire maiores forças e não tarda em despedaçar as cadeias com que o algemam, tornando templo de gloria a prisão que pretende contel-o. Assim succedeu: a pequena cidade de Campinas ufana-se hoje com o glorioso titulo de patria do maior musico brasileiro.

Outro filho de Manuel Gomes, José Pedro Sant'Anna Gomes, era já n'aquelle tempo, como ainda hoje é, um violinista distincto; os dois irmãos foram em excursão artistica até á cidade de S. Paulo, capital da provincia.

N'esta cidade, onde o gosto pela musica tem notavel desenvolvimento, foram os artistas muito bem recebidos pela mocidade academica, especialmente Antonio Carlos, cujo character expansivo e alegre, brilhante conversação e generoso sentimento, foram sempre o encanto de quem com elle tratava. Escreveu então o futuro auctor do «Guarany» um «Hymno Academico», letra do dr. Bettencourt Sampaio, que despertou enthusiasmo enorme entre os estudantes, tornando-se a sua «Marselheza».

Compoz tambem, de improviso, varias modinhas, entre ellas uma que se tornou muito popular em todo o Brazil, a qual começa pelas palavras «Tão longe de ti distante».

As instancias para que o auspicioso musico partisse para a capital do Brazil renovaram-se com mais vehemencia, acordando-lhe no intimo o echo dos proprios desejos, silencioso até ali pelo respeito paterno.

Uma noite, em ceia de amigos que lhe repetiam essas instancias entre applausos e libações, Carlos Gomes declarou de subito que partiria immediatamente.

Confirmando a palavra com a acção, preparou-se com presteza e ao alvorecer do dia estava a caminho, levando consigo apenas uma insignificante quantia e algumas cartas de recommendação que os mesmos amigos lhe escreveram.

Todavia, parte d'elles, incluindo o proprio irmão, não acreditaram na seriedade da partida; tomaram-na como gracejo.

Não era. O genio quebrava as algemas e alava a cumprir seu destino.

Chegado ao Rio de Janeiro, em meiado de junho de 1859, o seu primeiro acto foi enviar uma carta ao pae implorando o perdão pela sua desobediencia. Depois apresentou-se ao

Imperador e ao director do conservatorio, que era o compositor Francisco Manuel da Silva; este fel-o admittir na aula de composição, dirigida pelo professor italiano Giovachino Giannini, que occupava aquelle logar desde 1843. Giannini não se desvelava muito no ensino, preferindo, como tantos outros, tornar em sinecura o logar pago pelo Estado; Carlos Gomes, porém, fervia de impaciencia por se manifestar, e sem esperar retardatarias lições, embora d'ellas muito carecesse, apresentou, logo a cabo de cinco mezes, uma cantata que se executou na Academia das Bellas Artes em presença do Imperador, valendo-lhe o premio de uma medalha d'ouro.

Tal era a sua ancia de gloria, que estando n'essa occasião atacado de febre amarella, sahiu do leito para ir reger a sua obra, correndo o risco de uma recahida fatal. Foi em seguida convalescer a S. Paulo, e regressando ao Rio escreveu outra cantata religiosa que se executou em 15 de agosto de 1860.

Por este tempo fundava-se no Rio a «Opera Nacional» subsidiada pelo governo, e sobre Carlos Gomes recahia a escolha de ser um dos regentes da orchestra, com a incumbencia de escrever a musica para uma ou mais operas em lingua portugueza; a primeira d'essas operas foi a «Noite do Castello», libretto extrahido por Fernandes dos Reis do poema de Castilho que tem o mesmo titulo. Cantou-se pela primeira vez em 4 de setembro de 1861, produzindo enorme entusiasmo.

Foi o seu primeiro triumpho no theatro; o Imperador offereceu-lhe a venera da ordem da Rosa, cravejada de brilhantes, os seus conterraneos de Campinas deram-lhe uma corôa de oiro massiço, as senhoras do Rio uma batuta tambem de oiro, etc., etc.

A 10 de novembro de 1863 fez cantar a sua segunda opera em lingua portugueza, «Joanna de Flandres», libretto do dr. Salvador de Mendonça, obtendo o mesmo exito que a primeira.

Entretanto resolveu acceptar o offerecimento que desde muito lhe faziam, de uma pensão para estudar em Italia, e a 8 de dezembro do mesmo anno partiu para Milão, tendo garantido um subsidio de 150000 réis mensaes durante quatro annos.

A viagem por mar fel-a até Lisboa, onde desembarcou, demorando-se aqui dez dias; durante elles travou relações com o nosso grande poeta visconde de Castilho, sendo recebido com aquelle affavel e animador interesse que o bondoso auctor da «Primavera» manifestava sempre pelos neophytos da arte. Depois seguia por terra para Milão, onde chegou a 9 de fevereiro de 1864, ficando alguns mezes prostrado por pertinaz bronchite que a differença de climas lhe fez soffrer.

Recommendado ao editor Francesco Lucca, este o aconselhou a estudar com o notavel mestre Lauro Rossi, director do conservatorio, que não podendo admittil-o n'aquelle estabelecimento onde se não recebem estrangeiros, se comprometteu a ensinal-o particularmente apresentando-o em exame formal quando tivesse concluido os estudos. Com effeito Carlos Gomes fez brilhantemente esse exame nos dias 5 e 6 de julho de 1866, perante uma commissão especial de professores, e obteve o diploma identico aos que se concedem aos alumnos do conservatorio.

Durante os estudos adquirira facilmente relações com muitos collegas e litteratos. O seu aspecto singular de semi-selvagem attrahiam a curiosidade; o seu temperamento ardente, transbordando de vida e de bom espirito, tornavam-n'o adoravel. Um dos amigos novamente adquiridos, o poeta Antonio Scalvini, escreveu uma revista do anno de 1866, para o theatro Fossati, e encarregou Carlos Gomes de lhe compor a musica. Intitulava-se essa peça *Se sa minga* (phrase em dialecto milanez que significa «não se sabe»), e subiu á scena em dezembro do mesmo anno de 1866.

Foi uma surpresa para os milanezes aquella musica espontanea, facil, abundante da mais pura melodia italiana, escripta por um forasteiro pouco antes sahido dos sertões da America.

A canção do *fulcil ad ago* (espingarda de agulha) tornou-se popular; os jornaes notaram ainda com elogio o côro dos *sa sa minga* (mascarados), o côro dos bilhetes do banco e a marcha funebre consagrada aos vencidos de Custozza.

Para outra revista, *Nella Luna*, representada no theatro Carcano em principios de 1868, escreveu tambem o illustre musico brasileiro a musica, sendo recebida com equal agrado, senão com o mesmo exito de popularidade.

Entretanto preparava-se Carlos Gomes para a grande batalha de uma opera lyrica. Sobre o formoso romance de José d'Alencar, «O Guarany», esboçou Scalvini um libretto cuja musica foi logo encetada; dois annos depois o poeta Carlo d'Ormeville retocou e concluiu o trabalho de Scalvini, ficando tambem prompta a partitura. Graças á reputação adquirida por Carlos Gomes, e tambem graças á desvellada protecção do Imperador D. Pedro que nunca deixára de se interessar vivamente pelo artista, o «Guarany» foi no theatro Scala em 19 de março de 1870. Teve por principaes interpretes os notaveis cantores tenor Villani, Maria Sass e o baritono Maurel. O effeito do «Guarany» foi de tal modo completo, a opinião dos mais importantes mestres, artistas e jornalistas, tão calorosamente se manifestou por Carlos Gomes, que a editora Viuva Lucca, se lhe apresentou n'um dos intervallos da primeira representação com um contracto prompto a assignar, em que o direito de publicação da partitura era comprado

por valiosa quantia, com a condição de elle escrever outra opera que seria comprada pela mesma editora.

O celebre critico Filippo, concluindo a sua apreciação sobre o «Guarany», disse que apesar das desigualdades e hesitações, era das poucas operas, ou antes das pouquissimas entre as novas, que faziam esperar um maestro dotado de engenho, phantasia e saber musical.

O exito do «Guarany» fez tambem com que o governo italiano condecorasse Gomes com a ordem da Corôa da Italia, escrevendo-lhe por essa occasião o ministro da instrucção publica uma carta em termos extremamente lisongeiros.

O «Guarany» é com effeito uma das mais brilhantes operas do repertorio italiano, modelada principalmente nas formas da segunda maneira de Verdi; accents energicos, por vezes violentos, orchestração variada e brilhante, melodia verdiana a flux. As incertezas, desigualdades e tambem reminiscencias alheias que a critica lhe notou, são perfeitamente justificadas como consequencias ordinarias de uma estreia.

Em 1872, a 13 de julho, foi o «Guarany» ouvido com muito agrado no *Convent Garden*, de Londres, tendo por interpretes os mais notaveis cantores d'esse tempo: Nicolini, Sass, Cotogni, Bagagiolo. Em 1880, 31 de março, deu-se no nosso theatro de S. Carlos, cantada por Tamagno, Borghi-Mamo e Pandolfini. Produziu optimo effeito, tornando-se principalmente notavel Tamagno, que cantava a violenta parte do indio Pery com uma valentia extraordinaria. Por essa occasião Carlos Gomes esteve em Lisboa, assistindo aos ensaios da sua opera.

Em seguida ao primeiro triumpho obtido em Milão, o auctor do «Guarany» partiu para o Brazil a mitigar saudades da patria, da familia e dos amigos. Teve uma recepção triumphal no Rio de Janeiro, onde desembarcou a 8 de agosto de 1870. Em 2 de dezembro seguinte deu-se no theatro uma grande festa em sua honra, e por essa occasião o mimoso poeta o sr. Luiz Guimarães Junior, publicou um folheto em que a biographia do compositor foi ornamentada com as galas litterarias que a opulenta lingua dos portuguezes e brasileiros põe á disposição de quem a sabe manejar.

Diz o sr. Luiz de Guimarães, n'uma nota d'esse folheto, que o seu biographado tinha (em 1870) entre mãos dois novos trabalhos: a opera os «Mosqueteiros do Rei», encomenda do editor Lucca, para subir á scena em Veneza, e uma opereta comica «Trumpho ás avessas», letra do dr. França Junior. A primeira, se foi concluida, não chegou a ser apresentada nem d'ella restam outras noticias; a segunda tambem não appareceu a publico.

A segunda opera que elle apresentou foi a «Fosca», melodrama em quatro actos, libretto feito por Antonio Ghislanzoni, que se cantou no Scala em 17 de fevereiro de 1873. Teve um

exito quasi desastroso, attribuindo-se a causa a diversas circumstancias alheias ao merecimento da obra. N'esse mesmo anno e theatro cahiu desastradamente, derrubado pelo partido italiano então furioso, nada menos que o «Lohengrin».

Com isto se prova quanto é variavel a opinião dos homens, e a que excessos conduz o espirito do facciosismo, assim na arte como na politica.

A «Fosca», retocada nos pontos mais fracos, reapareceu no Scala em 1876, e d'esta vez foi ouvida com perfeito agrado. Não ha duvida que é uma partitura trabalhada com maior esmero e habilidade do que o «Guarany»; a critica colloca-a em logar superior, embora esta ultima opera tenha uma vida publica mais activa.

Em abril de 1874 apresentou no theatro Carlo Felice, de Genova, o «Salvador Rosa», libretto de Ghislanzoni. Agradou muito, tanto que ainda no mesmo anno foi cantado no Scala e entrou no repertorio habitual das companhias italianas.

Em 1876, por occasião de se festejar em Philadelphia o centenario da independencia americana, foi incumbido de escrever um hymno para a inauguração da Exposição Universal que se realisou em 14 de julho.

A «Maria Tudor», que elle apresentou no Scala em 27 de março de 1879, cahiu para não mais se levantar.

Em 1880 fez Carlos Gomes novamente a viagem ao Brazil, d'esta vez em excursão artistica á testa de uma companhia lyrica. Recebido no Rio com mais grandiosa festa que em 1870, a execução das suas composições constituiu um permanente triumpho, não só na capital como na Bahia, S. Paulo e Pernambuco. Por essa occasião escreveu um hymno a Camões, executado nas festas do centenario.

Depois da queda da «Maria Tudor» ficou-lhe difficil o accesso no Scala, difficuldade aggravada, segundo parece, por desavenças e jogo de interesses.

Quando no Brazil foi abolida a escravatura, Carlos Gomes levado por um impulso do seu generoso coração, esboçou elle mesmo um libretto que o poeta Rodolpho Paravicini poz em rima, tomando por thema scenas da escravidão no Brazil; terminada a partitura, que tem por titulo «Lo Schiavo», dedicou-a á princeza D. Izabel, condessa d'Eu, enviando-lh'a com a data de 29 de julho de 1888.

Essa opera foi ouvida no Rio de Janeiro a 27 de setembro de 1889, com um grande e patriotico enthusiasmo. O editor Ricordi adquiriu-a e publicou-a, mas até hoje ainda não foi cantada na Europa.

Finalmente, em fevereiro de 1891 cantou-se no Scala a sua ultima opera conhecida, «Côndor», acção lyrica em tres actos poema de Mario Canti. O seu exito não foi brilhante.

Depois fez ainda um trabalho para as festas do descobri-



mento da America, em 1892, intitulado «Colombo, poema vocal e symphonico em 4 partes», poesia de Albino Falanca. Foi esta a derradeira composição importante do insigne filho do Brazil. A terminação da sua existencia estava marcada pelo destino de um modo terrivel e crudelissimo: um cancro na lingua minou traiçoeiramente esse robusto organismo, com tal violencia que o mal era já irremediavel quando se tornou conhecido.

Está ainda viva na memoria de muita gente a ultima visita de Carlos Gomes a Lisboa, ha dois annos, em que a sua presença foi brilhantemente honrada pela Real Academia de Amadores de Musica, como é hoje a sua memoria. Aquella leonina cabeça já quasi completamente branca, aquelle olhar chamejante e imponente figura despertaram a mais viva sympathia e interesse. Quem o viu, applaudindo com tanto entusiasmo a orchestra da Academia, agradecendo com tanta effusão e alegria a homenagem que se lhe tributava, homenagem compartilhada por El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia, quem o viu cheio de animação, satisfeito e risonho, mal diria que estava alli um condemnado com poucos dias de vida. Não que elle ignorasse completamente o seu triste destino.

Mas tão grande era a coragem de que sabia revestir-se, como vívido era o espirito que o animava.

O nome de Carlos Gomes é hoje a maior gloria musical do Brazil.

Exaltar essa gloria é um dever para os filhos de Portugal.

ERNESTO VIEIRA.



Além, no ethereo mundo . . .

Á MEMORIA DE CARLOS GOMES

Além, no ethereo mundo a que subiste,  
Alma canora, Espirito vibrante,  
Hoje descanças do labor pujante  
A larga fronte sonhadora e triste.

Ninguem sentiu, jámais, como sentiste  
Da Gloria humana o philtro embriagante,  
Mas tanto alçaste o vôo que, offegante,  
Colheu-te a Morte . . . Um dia, emfim, cahiste.

Cahiste, não! Volveste á Immensidade,  
Ao Firmamento Austral que te esperava,  
E d'onde ouviste, em gritos de saudade,

A voz da Patria que por ti chamava,  
Da Patria inteira, quando acompanhava  
Teu cadaver á Immortalidade!

*Lisboa, Fevereiro de 1897.*

LUIZ GUIMARÃES.



# Divinização

*À memoria do maestro brasileiro*

CARLOS GOMES

**E**lle morreu?... Morrer!...—Gentil espirito  
que entraste nos dominios do infinito,  
se ouviste aquelle dolorido grito  
responde:—«Almas sem alma! Almas sem fé!  
Como pôde morrer o genio?—o ingenito  
amôr divino,—a divinal essencia,  
sem limites—no espaço ou na existencia,—  
que faz parte de Deus, se Deus não é?

«Onde se quebra o mysterioso vinculo  
que prende ao infinito, o pensamento?  
ao eternal amôr, o sentimento?  
a luz reflexa á luz do Gerador?  
principio fecundante eterno e unico  
que em raios se difunde e se desparte,  
que é luz e harmonia e engenho e arte  
no genesis do eterno, infindo amôr?

«Que centelha ou que som, que mundo ou atomo  
fulge, canta, ou se esvai, ou gira,—solto  
da marcha augusta ou torbilhão revolto  
que traz, pelo increado, a criação?  
Parte, attributo eu sou do eterno Artifice  
e—grande—entre os maiores, fui ungido;  
desprendi-me da terra e eis-me envolvido  
na immensa voz da universal canção.

«Só de mim se assoprou o que era ephemero,  
pois, se escutardes bem a voz do immenso,  
no hymno que dos céos anda suspenso  
achareis vibrações da minha voz.  
Meu ser, apoz o nó partir do ergastulo,  
voou á grande mãe,—aos seios da Arte;  
se vivo, como Deus, em toda a parte,  
estou aqui, aqui! juncto de vós.

«Na guerra, estrujo, em pavoroso estrepito;  
bramo, nos temporaes; canto, no prado;  
rio, ante o berço, e, ante o altar sagrado  
expando-me em solemnes vibrações.  
De suspiros e ais decóro o prestito  
de pai, de mãe, de filho! a desventura  
calmo, arrancando ao réz da sepultura  
ais, e caudais de pranto, aos corações.

«O Grão poder, o sempre-vivo é a Muzica!  
quer trôe ou chore ou cante ou peça ou ria!  
ou lyra de David ou—Ave-Maria!—  
ou harpas de Siam ou Guarany...»  
Mas... que vozes! que sons!... Ó sonho angelico,  
que nos levas ás plagas brazileiras  
entre hosannas e louros e bandeiras!!...  
Ouvis? ouvis?... é elle! é elle!!—Ouvi!! \*

*Lisboa, Março 1897.* THOMAZ RIBEIRO.

\* Ao recitar os ultimos quatro versos ouve-se em surdina musica do «Guarany»

# Supremo encanto!

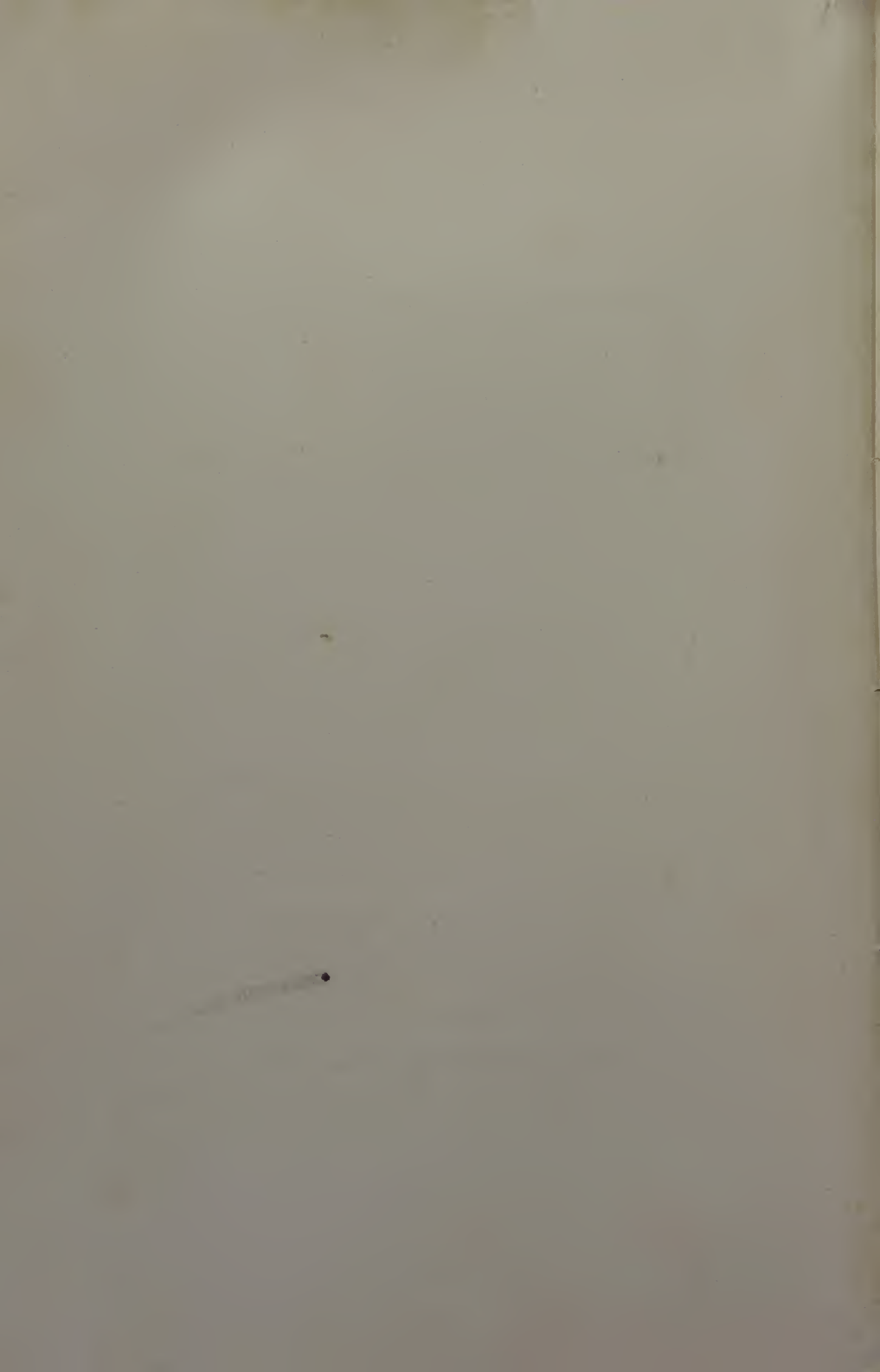
Surges da folha morta, eterna primavera,  
Arte, supremo encanto!—imperio do ideal,  
Nos abysmos do mar, nas estrellas da esphera,  
Nas violetas d'abril, no rugir da panthera,  
E no infinito amor d'um beijo maternal!

Crias um mundo ethereo em fulvas phantasias!  
Tudo quanto acabou teu sopro reconstroe!  
Dás voz ao cepo inerte, ás brenhas melodias,  
A extinctas gerações, o sol de nóvos dias;  
Tiras da pedra a deusa, e do bronze um heroe!

É sempre juvenil quem se abraça comtigo!  
A dôr, no teu regaço, é solio, não é cruz!  
Se cae um filho teu nas sombras do jazigo—  
Sepultura da inveja!— ó arte, ao teu abrigo,  
Da valla se alevanta em columna de luz!

*Março 3 de 97.—Monte de Caparica.*

BULHÃO PATO.





# ¶ Elegia

**O** vento oeste nas azas trouxe  
Echos de um canto triste, sentido;  
A lyra de ouro despedaçou-se,  
Quebram-se as cordas com um gemido.

Lagrimas acres de mãe piedosa  
Cahem continuas e sem rebuço;  
Quebrou-se a lyra melodiosa,  
Estalam cordas com um soluço.

O doloroso clamor retumba  
N'alma saudosa da patria minha;  
Como ella chora sobre essa tumba,  
Mãe duas vezes, terna avósinha!

Dos nobres filhos de que se orgulha  
Herdeiro via genial maestro;  
E nos seus cantos rubra fualha  
Ella divisa do proprio estro.

Da filha adulta, que se apartara,  
Póde ás venturas alhear-se a mãe;  
Porém dos prantos á onda amara  
O seu direito sempre mantem.

Por isso exige quinhão bem largo  
A patria lusa, na dôr mesquinha;  
E aos da mãe junta seu pranto amargo  
Mãe duas vezes, terna avósinha.

Vento maldito, que assim nos trouxe  
Lgrimas acres, clamor sentido!  
A lyra de ouro despedaçou-se,  
Quebram-se as cordas com um gemido!

5-3-97

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

## A Carlos Gomes

A ti, que em notas de eternal doçura,  
Soubeste amor cantar divinamente;  
A ti, que desdobraste, em vôo ingente,  
Do genio as azas na suprema altura;  
A ti, divino Orpheu de um mundo novo,  
Cuja lyra soou por toda a terra,  
Mostrando aberto o coração de um povo,  
E todo o amor, que um coração encerra;

A ti, de quem as obras portentosas  
Guardam no seio, com ternura amiga,  
Os queixumes das mattas sonoras,  
E as harmonias, que a floresta abriga;  
A ti, em cujo canto inda perpassa  
Meiga virgem, de labios de rubi,  
Desprendendo da rêde, em sua graça,  
O suave arrulhar da jury;

A ti, que em sons divinos traduziste  
As doidas e mortaes palpitações  
Do amor mais puro que na terra existe,  
O soffrer de dois virgens corações;  
A ti, a quem foi dado penetrar,  
Nos segredos das noites brazileiras,  
O que dizem as folhas das palmeiras,  
Quando a lua, do ceu as vem beijar;

A ti, rendemos hoje os nossos peitos,  
Dos genios immortaes, ó genio irmão! . . .  
Entre os grandes estás, entre os eleitos;  
Es um fóco de luz na immensidão!  
Alma ardente, entre nós inda vibrante!  
Subiste, enfim, aos páramos do dia,  
Onde has de ouvir, nas torres de diamante,  
Os córos sempiternos da Harmonia!

Talento agreste, e a par, tão delicado!  
Ingenuo, forte, natural, subtil!  
Palpita, intenso, no teu genio alado,  
Uma parte da alma do Brazil!  
Teu canto largo é como a selva densa  
Onde o amor immortal ruge e suspira;  
Filho ditoso d'essa patria immensa,  
Que ha de, de palmas, enfeitar-te a lyra!

Colheste os fructos dos jardins de Freya,  
Que dão á vida a mocidade eterna;  
És como a vaga a suspirar na areia,  
Como o tigre rugindo na caverna;  
A voz conheces do palmar remoto,  
Que o vento largo do deserto expande;  
Cantas a vida d'esse mundo ignoto,  
De além dos mares, onde tudo é grande!

E o Brazil, que tal filho soube amar,  
Ha de esse canto eternamente ouvir,  
Nos raios das estrellas a fulgir,  
E nas azas da brisa a ciciar;  
Nas promessas de amor, leaes, constantes,  
Nas ondas que, de longe, o mar trazer;  
Na voz dos seus poetas scintillantes;  
Nas graças capitosas da mulher!

Porque lá, tudo canta eternos hymnos  
Do monte mais gigante ao fundo val;  
As aves, nos seus campos azulinos,  
Os rios, nos seus leitos de crystal!  
E nunca mais ha de esquecer, ali,  
No romance cruel de morte e dor,  
O filho de Araré, morto de amor,  
E a dama branca, amada de Pery!

Do cantor a missão provém dos ceus;  
E seu fim circumdar de transparencia,  
A alma humana, melhorar-lhe a essencia,  
Tornar mais bella a criação de Deus!  
Pois aquelle, que as almas arrebatá,  
E, da Harmonia, ao mundo as reconduz,  
Veste a materia de sendaes de prata,  
E os espiritos libra á eterna luz!

Carlos Gomes! o musico divino!  
No Azul, no Sonho, vêmol-o pairando...  
Deus conduza, seguro, ao seu destino,  
Aquelle que, entre nós, passou cantando!  
Aquelle que, entre nós, deixou ficar,  
Como um laço de amor, que ao ceu nos prende,  
O canto divinal, que Deus entende,  
E que ao seu throno é digno de chegar!

*12 de Março de 97.*

***Fernandes Costa.***



# PROGRAMMA

DO  
**Sarau** em homenagem á memoria  
do maestro brasileiro **CARLOS GOMES**

em 5 de Abril de 1897  
ás 8 1/2 horas da noite

## NO SALÃO DA TRINDADE

### I.ª PARTE

Além, no ethereo mundo...

À memoria de **CARLOS GOMES**

poesia de Luiz Guimarães,  
recitada pelo actor João Rosa do theatro de D. Maria II

### SUPREMO ENCANTO!

poesia de Bulhão Pato,  
recitada pelo actor Eduardo Brazão — do theatro de D. Maria II

### ELEGIA

poesia de Henrique Lopes de Mendonça,  
recitada pelo actor Augusto Rosa — do theatro de D. Maria II

### À CARLOS GOMES

poesia de Fernandes Costa,  
recitada pelo actor Augusto de Mello — do theatro de D. Maria II

### DIVINIZAÇÃO

À memoria do maestro brasileiro **CARLOS GOMES**

poesia de Thomaz Ribeiro;  
recitada pelo actor Chaby Pinheiro — do theatro de D. Maria II

Epitaphio *Dedicado á memoria de Carlos*

*Gomes* ..... AUGUSTO MACHADO  
pela orchestra.

Mestizia Pensiero Funebre..... **CARLOS GOMES**  
instrumentado por Victor Hussla.

## 2.ª PARTE

- Abertura da Opera *Guarany* ..... CARLOS GOMES  
pela orchestra.
- a) Nocturno ..... CARLOS GOMES  
b) Spirto Gentil .....  
pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Paulo do Quental.
- Uma lagrima. Romanza para piano *dedi-*  
*cada á memoria de Carlos Gomes*..... D. MARIA BRAVO  
pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ernestina Cardozo.
- a) Rondinella ..... CARLOS GOMES  
b) Qui-pro-quo .....  
pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Frank de Castro.
- Melodias da opera *Schiavo* de Carlos Gomes  
para 2 violinos, com acompanhamento de  
orchestra..... VICTOR HUSSLA  
Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Alice Dias da Silva e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Cécil Mackee  
discipulos do curso superior de violino na Academia
- O' Mia picciarella da opera *Salvador Rosa*. CARLOS GOMES  
pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ida Blanck.
- .....

## 3.ª PARTE

- N.º 1 dos bailados da opera *Guarany*..... CARLOS GOMES  
pela orchestra.
- Romanza da opera *Salvador Rosa* ..... CARLOS GOMES  
pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Andrade.
- Dueto de soprano e tenor da opera *Guarany*. CARLOS GOMES  
pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ida Blanck e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Frank de Castro  
com acompanhamento de orchestra.
- Suite sobre motivos da opera *Condor* de  
Carlos Gomes, para piano..... OSCAR DA SILVA  
pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Oscar da Silva.
- Marcha Nupcial..... CARLOS GOMES  
pela orchestra, instrumentada por Luiz Filgueiras.

Os acompanhamentos ao piano são executados pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ernestina de Barros Freixo e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Miguel Angelo Lambertini.

As musicas foram obsequiosamente cedidas pelas seguintes casas: G. Ricordi e Arturo Demarchi de Milão, Arthur Napoleão & C.<sup>sa</sup> do Rio de Janeiro, Sasseti & C.<sup>sa</sup> e Lambertini de Lisboa.



## EXECUTANTES

### Solistas

Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup>

D. Ida Blanck, D. Ernestina Cardoso e D. Alice Dias da Silva.

Ex.<sup>mos</sup> Srs.

Frank de Castro, Antonio Andrade, Paulo do Quental, Oscar da Silva e Cécil Mackee.

## ORCHESTRA

*Director o Ex.<sup>mo</sup> Sr. VICTOR HUSSLA*

Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup>

D. Alice Dias da Silva	D. Isaura Bello de Carvalho
D. Beatriz Theolinda da Rocha	D. Maria de Amorim Vianna
D. Candida Gonçalves de Sousa	D. Philomena Cabral da Rocha
D. Hermínia da Conceição Santos	

Ex.<sup>mos</sup> Srs.

Achilles Fontana	Henrique Dias
Adriano de Castro	Henrique José da Silva
Agostinho Franco	Henrique Pereira Taveira
Alfredo Borges da Silva	Henrique Sauvinet
Alfredo Penaguão	Herculano Gaspar
Alexandre Severo C. Fortes	João Antonio Pinto
Antonio Lamas	João B. Bello de Carvalho
Antonio do Nascimento Mendes	João Nepomuceno Ramos
Antonio Tavares da S. Godinho	João Nunes da Silva
Arthur Prat	Joaquim F. Ferreira da Silva
Augusto Gerschey	José da Costa Carneiro
Augusto d'Oliveira Gomes	José Eloy d'Araujo
Carlos Augusto Sampaio	José Maria Marques
Carlos A. Ribeiro de Carvalho	José Mascarenhas Relvas
Cécil Mackee	José Ricardo de Santhiago
Cezar Mirés	José Vicente Pereira
Claudino d'Oliveira Gomes	Julio Casanova
Claudino P. Soares e Silva	Luiz da Cunha Menezes (D.)
Conde de Mossamedes	Manuel d'Athouguia
Domingos Gaya	Manuel Ferreira Cardoso (Dr.)
Domingos Pinto Coelho (Dr.)	Manuel Nunes da Silva
Duarte de Noronha (D.)	Matheus Ferreira
Duque de Loulé	Miguel Marques
Eduardo Guerra	Olimpio Filgueiras
Eduardo de Sousa	Paulo do Quental
Elmano da Cunha (Dr.)	Ricardo Cossoul
Fernando S. Coutinho (D.)	Ricardo Filgueiras
Frederico Gomes Ferreira	Visconde d'Athouguia

927.8  
H725

**DEDALUS - Acervo - MP-REP**

Homenagem a memoria de carlos gomes.



21800005057



